

ELSINORE

João Reis

QUANDO

SERVI

GIL VICENTE



uem por usar nomes em vasto número se julgue acima de outrem dá mostras de soberbo, pois é afinal o nome de uma pessoa, seja ele nome próprio dado ao batizado por padrinhos ou sobrenome de alcunha ou lugar da família, ao nascer não se escolhe, tão aleatório quanto o nome de um alão ou sabujo. Não é por um alão se chamar Bravor ou um sabujo Duque que passam os ditos perros melhor, e se a um galgo cai no chão naco de pão embebido em gorduras faz-se ele pouco rogado se conde lhe chamarem, de focinho ensebado fuçando e resfolegando sem dar conta de gritos ou chamamentos, assim também homem de nome sonante cai por terra de igual ou mais rápido modo que sujeito de nome único e sem patronímico, isto assegurara-o, na véspera, a meu amo, estando ele a apoquentar-me de novo por de prévio ao meu regresso a Portugal não haver juntado ao meu nome apelido como prova de audácia em batalha. A mim parecia meu nome de Anrique o bastante valeroso para me apresentar sem vergonha a um qualquer, porém, tinha meu senhor razão ao realçar-me a sempre possível permutação de nomes, a ele, de genuíno nome engrandecido por meritoso,

muitos cuidados causavam ao lhe associarem mesteres de outros seus homónimos, acorrendo-lhe à porta e pedindo dinheiro, porque o teria farto, ou a execução de filigranas e ornamentos dourados. Haviam-no atormentado sobremaneira nos dez anos da minha ausência, agora acordava ele de noite e acendia velas, a fim de ver em volta sombras e sinais de quem favores lhe pedisse ou de escutar pancadas e barulhos fora de porta, parava de rressonar e soerguia-se, da minha enxerga o ouvia, se revirava no leito, naquela noite foi a usança a mesma, rebuliu ele, e eu acordado pensei em tais preocupações, era Anrique nome por de mais comum, inclusive conhecia de há longo tempo um Anrique pelos nossos lados sempre morando e vivo ainda, de ofício tinha ele o difícil de aguazil, e ainda desconhecedor de as gentes poderem delapidar um nome como o fazem hoje ao do grã Gil Vicente, contudo já imaginando que me lançavam pazadas de excrementos ou pedras à janela, como a esse Anrique aguazil, decidi acrescentar um epíteto ao nome dado por minha mãe.

Vos digo, senhora, que determinado em contar ao nobre amo tal decisão acerca de meu nome, pelo tanto me antecipei a Jorge, o moço que o assistia nas tarefas, me levantei de noite, ao seu quarto me dirigi e esperei postado à cabeceira. À alvorada, meu amo roncou, despertou e mirou-me como se eu fosse coisa ruim, para depressa grunhir e esconder a cabeça sob as cobertas. Logo acorri à janela, de modo a abri-la à luz e repelir as horas da noite escura, vendo a ventana quase estroncada, o meu senhor barafustou, perguntou-me

se havia de intenção o matar com a aragem, cerrei de novo a janela explicando-lhe que tal jamais me passara pelo espírito, só lhe desejava boa fortuna e, ademais, usava ele grossos lençóis e cobertores de lã que, pela Páscoa, um certo primo ou tio em terceiras relações por parte de pai ou mãe lhe enviava todos os outonos, desde há décadas, das Beiras, a maioria das peças tintada com a cor da Paixão de Nosso Senhor, Jesus Cristo, mantas acumulando-se em arcas, tinham elas espessura de três dedos, pesadas para abafar bicheza miúda, por conseguinte, não padecia ele com mordidas de pulgas refastelado no colchão de palha e penas de galo capão que eu, antes de abalar do país, virava semana sim, semana não antes de o pôr a corar ao sol, quando o havia. Mexeu-se sob o peso dos cobertores, e sopesei reabrir a janela, ao dar um passo nessa direção, ele agarrou no bastão de pinho e vergastou-me os fundilhos. Embora a dor pouco atroz, por comiseração combalido me mostrei, ele sorriu, tossiu, as faces se lhe ruborizaram, puxei as cobertas até ao fundo da cama, Gil Vicente grunhindo as agarrou com a mão livre para se recobrir, segurei-as, ele as retesou.

— Queres matar-me de frio, tinhoso? — inquiriu ele, distendendo os cobertores com mais força, e eu dei-lhe intenso sacão: — Seu bastardo malparido — prosseguiu o grã-homem.

Eu, calado, mais repuxei e estirei um dos cobertores violáceos, este de pronto se rasgou, o mestre apoiou seu pé no chão para me enfrentar de tronco erguido, levantou

o bastão, desferiu um golpe no ar e tombou. Prostrado no leito e cerrando os olhos, alongou-se na dormência e disse:

— Estou exausto, Anrique. Guardo em mim toda a cansa-seira do mundo.

— Senhor, quereis ajuda para vos levantardes? — inquiri.

— Não me ouviste dizer que estou exausto?

— Ouvi, sim.

— E então?

— Então o quê, senhor?

— Que concluíste tu da minha afirmação, jumento?

Ou não concluíste nada?

— Concluí algo e não nada, sem dúvida.

Gil Vicente desferiu uma bastonada no cobertor.

— E que coisa foi essa que concluíste, se te apraz dar-mo a saber?

— Que o meu senhor está exausto.

— Isso foi o que afirmando proferi por minha boca.

— Foi, sim, ouvi-o eu com estes meus ouvidos, que boas serventias me têm dado.

— Pois é sinal que não ensurdeceste, mas quem ouvir com ouvido aberto e repetir o dito longe está de tirar uma conclusão.

— Sim, tendes razão.

— Tenho razão, claro. Admites, portanto, que nada concluíste?

— Isso não o posso admitir.

— Não admites, e se acabaste de me dar a razão!

— Disse que tendes razão, mas tende-a sobre parte do que dissestes.

– Parte? Qual parte?

– A parte de que não ensurdeci, nessa tendes toda a razão. No restante, não vos ampara a verdade, porquanto é, às vezes, possível tirar conclusões ao repetir com a mesma singeleza o simples que foi dito.

– De vero?

– Sim, mestre Gil. Como neste vosso caso se pode concluir que estais cansado, e mais não posso concluir sem tirar ideias por demasia daquilo que me haveis dito, conspurcando as vossas palavras com eventualidades incomprovadas, tal qual o faria se me aprouvesse dizer que o meu amo não se pode levantar porque está exausto, quando na realidade o meu amo tão-só disse estar exausto, sem mencionar a sua capacidade ou falta dela para se levantar ou fazer coisas outras. Eu, na minha modéstia de homem ignoto, concluí estar vossa senhoria exausta.

– Disse-te também que guardo em mim toda a canseira do mundo.

– A canseira do mundo não a sei medir, senhor.

– Não dizes coisa com sentido nessa tua retórica. Amassaram-te a cabeçorra lá por onde andaste?

– Não me lembro de tal e nem o sinto – disse eu pal-pando a nuca. – Tocai-lhe também o mestre.

– Não toco.

– Tocai, mestre Gil, tocai e confirmai.

Meu amo tocou-me na cabeça com dedos leves de uma mão.

– Com mais força, mestre, nada temais – roguei-lhe.

Ele, agarrando-me os cabelos, puxou-os para tatear o crânio.

– Este cabelo fede a gordura, Anrique, mas em boa justiça não sinto reentrância nem cova na tua moleira.

– É porque as não há, mestre?

– Não as há. Não há buraco nem inchaço na tua cabeça.

Agradei e, após afastar suas mãos do meu toutiço, fui caminhando rumo à ventana. Gil Vicente segurou de novo no bastão e forte pancada deu no colchão para lhe fazer soltar tufos de palha e pó em nuvens.

– O rapaz não vos sacode o colchão adequadamente – disse eu.

– O rapaz é um bom rapaz, ao contrário de quem por diversão ou cobiça de dinheiro abandona o único homem que lhe deu guarida e para ele foi um pai, o único pai.

Costas lhe voltei e aos pés volteando no ar, pespeguei as mãos nas trancas da janela para lhes dar puxão.

– Ora atreve-te a abrir a janela e já vêes o que te sucede – disse ele.

Depois, pusemo-nos eu quedo e ele meditando. Olhou para o teto e demorou tanto nas suas observações que decerto contou os nós da madeira e os buracos do caruncho das traves, mas, de repente, grunhiu e bradou:

– A bacia!

Eu lha cheguei, ele enfiou a mão na água e lavou a fronte, retirei a bacia da sua vista o mais célere possível, pois não a suportava depois de a usar.

– Grande mestre, de agora em diante serei conhecido como Anrique de Viena – afirmei.

– De Viena?

– De Viena. Anrique de Viena.

Ele pôs-se de novo a refletir em silêncio. Tanta cogitação far-lhe-ia mal ao lumbago e aos joanetes de má articulação, precisam estes de exercício frequente, vira-o nos campos de toda a Europa, um velho perdia o interesse pelo salutar exercício e, em breve, não mais se movia, soldados de muita experiência aos quarenta anos de vida entrevavam-se à falta de articulação, sobretudo sob carga de humidades, em terreno gelado, nevado, molhado de rios, ribeiros, lagos, por conseguinte, decidi tentar reabrir a janela, dela me abei-rei, sem virar o tronco, relanceei o meu amo, ele continuava nas suas ponderações debaixo dos cobertores, escorregara e só se lhe entreviam o nariz, os olhos, os cabelos grisalhos e as orelhas, estiquei o braço e, com as pontas dos dedos, soltei o ferrolho, trémula a ventana soltou mais algum pó do caruncho, senti o ar fresco da manhã fria e soalheira no meu rosto, me alegrando.

Recuei. Como o meu amo havia desaparecido sob as mantas, procurei-o e encontrei-o a dormir. Abanando-o para que se levantasse, ele resmungou, tartamudeou, a sua fala se entamelava, ao início, supus pedir-me um prato de papas, afinal, enganei-me, almejava sobretudo falar-me da peça que lhe ocupara os últimos meses, a encenaria ele em Évora para a corte, a viagem assustava-o, porque a queria el-rei encenada no verão, altura em que as viagens de Lisboa

ao Alentejo desarranjavam o corpo do grã-mestre Vicente, o calor entrava-lhe no corpo, e por mais vinho bebido não se protegia ele, pudesse passar meses em Évora e não haveria problema se no outono ou inverno o fizesse, quiçá no início da primavera, vindo o tempo quente não suportava ele a cidade, além de o ofuscar a luz refletida no branco das paredes, mirava arriba e abaixo para se escapar ao sol, de mãos as duas sobre o ventre dorido e escorredio, assim tropeçava ele pelas ruas de Évora, tomara ele que o seu desejo de peças encenadas à noite fosse por diante, no entanto, el-rei rezava missa no paço e confessava-se a horas vespertinas, sendo a ceia de digestão sagrada, pelo tanto, havia Gil Vicente de a encenar de tarde, após o jantar, com sol bem alto e calor a toda a volta, a encenação teria de ser do mais perfeita, a modos de o mestre demonstrar na velhice o alto valor já antes por todos visto, Gil Vicente me assegurou ser sua prioridade e alto objetivo demonstrar seu valor, em optando pela liberdade entre demonstrar seu valor e viver sem mutilação, optaria por demonstrar seu valor, fosse a mutilação mui degradante, isso o levaria a cogitar, sem embargo, fosse a mutilação apenas de dedos dos pés ou mãos, de uma mão ou do nariz, não teria ele dúvidas em optar pela demonstração de seu valor, receava ele as mutilações da lepra fugindo das gafarias em distâncias longas, ele vendo bandeira anunciando gafaria, dela fugia e temia demais objetos sujos, pensando sempre em lepras e pestes e bubões se lhe colando à pele, em todo o caso, optaria em princípio por demonstrar seu genuíno valor, como

na ocasião, havendo-me eu vários anos atrás em Portugal, em que o tinham acusado de copiar as peças de um tal senhor Juan del Encina, um espanhol famoso que nunca fez nada comparável à fabulosa obra do meu amo, cujo orgulho se viu maculado por uma ferida lancinante perante as injúrias e a falta de amor dos seus conterrâneos, porém, não era ele quem se abatesse pela injustiça e afirmou ser capaz de escrever uma peça a partir de qualquer tema, providenciando-lhe o tema, fá-lo-ia em auto do mais agradável e belo, os vermes da mentira lhe dando um tema não foram os pobres de espírito mais longe do que o ditado de que vale mais asno que me leve que cavalo que me derrube.

– Matam-me aos poucos, Anrique. Aos poucos.

– De facto.

– Tivesse eu ficado em Salamanca, onde me apreciavam.

– Apreciavam-vos em Salamanca?

– Deveras.

– Mestre, não faz em Salamanca calor abominável para as vossas entranhas?

– Faz calor, mas não tão desagradável. Não tão desagradável quanto em Évora, Anrique.

– Apanhar ar far-vos-á bem, mestre.

– O ar mata se quando frio ou pestilento.

A isto não pude retorquir. De seguida, abri mãos em minha frente.

– Senhor, está na hora de vos levantardes.

Ele encolheu-se na cama e espreitou de debaixo dos cobertores, abanando meus braços por forma a movimentar o ar,

ousei arrancar-lhe o lençol, o grande mestre estremeceu ao primeiro contacto, todavia, habituou-se. Estando ainda sobremaneira apardalado, obrigado me vi a despir-lhe as peças de roupa utilizadas quando do sono e a trocá-las por conveniente indumentária, tarefa que me ocupou algum tempo. No fim, peguei na bacia com água e lavei-lhe a cara, com o cuidado de nos conformes lhe enxaguar as barbas e os bigodes e, antes de o levar para a sala onde tomava as refeições, o fiz acercar-se, gemebundo, da ventana descerrada e agarrar o vento que por ali corria para efeitos de refrescamento. Desperto, Gil Vicente declarou:

– A fome devasta-me o âmago da alma e as tripas. Apaziguemo-la, porquanto muito tenho de labutar.

Chegados à cozinha, nada vimos do moço.

– Onde está o Jorge? – perguntou o mestre.

– Não o vi.

Ele grunhindo, lhe servi um prato da sopa que sobrara do dia anterior. Atirei nacos de pão escuro para dentro da malga com couves e feijão, e o meu amo exaltou-se.

– Acaso serei um bísaro?

Resmungou, pegou na colher e comeu. De manhã, o grande mestre comia sempre sopa, para fortalecimento dos humores, alguns anos atrás, o médico da corte dissera-lhe que devia equilibrar os fluidos do corpo, de preferência com o recurso a águas. Terminada a sopa por inteiro e nem raspa sobrando na panela, pediu-me um jarro de vinho e bebeu-o sem usar o caneco. Limpou a boca à manga e disse:

– Anrique, vamos ao mercado ver as pessoas. Preciso de inspiração, tenho de me rodear de realidade.

– Sim, senhor.

Não estava verdadeiramente frio nem calor, a geada derretera. Gil Vicente e eu subimos a rua com celeridade e logo descemos outra rua, da janela de um segundo andar, uma mulher verteu um balde na rua e a água quase nos atingiu, depois, a água espalhou-se pela calçada. Gritei à mulher no alto da casa, ela riu-se e desapareceu, o meu senhor apontou o bastão ao céu limpo e praguejou, proferiu palavras impróprias para alguém do seu estatuto. Quando chegámos ao mercado, ele estava ofegante e parámos diante das escadas de madeira carcomida, o fedor era aí intenso, de peixe morto há um mês, e depressa solicitei a meu amo que nos sentássemos em lugar mais confortável, ele acedeu e fomos postar-nos defronte a uma barraca torta e com um vão de porta sem porta, na qual uma vendedeira tinha os pães arrumados em dois grandes tabuleiros. Peguei numa broa de apresentação primorosa e decerto a compraria, se fosse eu o pagador do produto, contudo, era minha sorte ter como amo Gil Vicente, que, agarrando na broa sem nada perguntar à vendedeira, a abriu e provou com vigorosa dentada no miolo, sem que a mulher arranjasse tempo de reagir, ele de pronto atirou essa metade da broa para cima do tabuleiro e me ofertou a outra metade, exortando-me a prová-la, eu assim o fazendo, e ele me arrancou da mão essa metade que me dera e atirou-a para junto da outra que já no tabuleiro pusera. A seguir, bramiu com migalhas a sair-lhe da boca:

— Esta broa foi cozida com farinha podre.

A vendedeira puxou os cabelos e gritou, e todos no mercado ouviram, a gentalha se voltando para nós, ela não se ficou por ali e gritou mais, então, parou de gritar e falou, se bem que falasse também em jeito de berraria e eram mais que muitas as pessoas que ali se juntavam a ver o que se passava e o que havia acontecido antes de tais andanças, só que ninguém se fazia explicar, e o meu amo mantinha a tranquilidade de quem tem a justiça a seu favor. A vendedeira disse e cuspiu-se sobre os pães:

— Ah, grande gebo, vais pagar-me a broa!

— Tende cuidado, atentai a quem falais — foi o que lhe respondi.

— Cala-te, besuntado!

Prestes a retorquir-lhe, fui impedido de o fazer pelo fabuloso autor, que assim lhe disse:

— Reafirmo com toda a certeza que esta broa foi cozida com farinha podre, e do mais baixa e ignominiosa existente, moída de centeio e cevada que nem ao Diabo aprouve guardar na algibeira, e vós, por sem-vergonha serdes, vendei-la no mercado. Peço a Deus, nosso Senhor, não que vos castigue, mas a minha salvação deste mal, pois poderá ser a minha morte.

— E que grande perda seria, porque é este o grande senhor Gil Vicente, afamado dramaturgo com acesso ao paço e à amizade d'el-rei D. João! — afirmei, e num ápice ouvimos murmurar o nome do mestre, algumas pessoas acotovelaram-se, outras afastaram-se.

Por fim, a vendedeira calou-se e lançou as metades de broa aos pássaros, porque só eles poderiam comer tal imundície, e as criaturas de Deus têm de comer.

Prosseguimos e nisto caminhando meu amo se lhe ocorreu desejar ter fruta em casa aquando da visita de seu filho Luís, que a tinha por mui cercana. Abeirou-se ele de um homem com uma carrocinha cheia de fruta e legumes, nós já o conhecíamos, havíamos-lhe comprado couves há raros de dias. O vendedor avançou alguns passos, fez uma pequena vénia, Gil Vicente agarrou numa laranja, descascou-a e levou metade à boca, tragou-a, e eu, ao dar-me a outra metade, enfiei os gomos pela goela abaixo, comendo-os, eis pois meu amo interpelando o vendedor:

– Esta laranja está azeda.

– Azeda? Ora provai lá outra, senhor.

Então, Gil Vicente aceitou uma segunda laranja, atirou a casca para o chão, levou metade à boca e deu-me o resto. Com a boca ainda ocupada, disse ele:

– Nunca as comi mais azedas. Não é época delas.

– Pois o não é, senhor.

– Vender citrinos nesta época tendo-os secos é aberrante.

O homenzinho sacou de outra laranja e estendeu-lha, todavia, Gil Vicente não a aceitando por si com vontade, me tocou no braço com a ponta dos dedos, apontou com o bastão para o fundo do mercado e em passadas nos afastámos da carrocinha. Embora caminhássemos devagar, não tardámos a alcançar as peixeiras, parámos diante de um cesto com azevias, meu amo torceu-se em carantonha,

cuspiu para o espaço de entre nós, andou às arrecuas, e estácámos defronte de um homem de cara deformada pelas bexigas expondo, em exclamações desdentadas, umas azeitonas carnudas e curtidas em alho e louro, todas a boiar em barris, e o homem tirou de um deles azeitonas à mãozada, com a água enegrecida lhe escorrendo pelos dedos de volta ao barril quando ele no-las ofertou à prova. Perguntei a Gil Vicente se não lhe agradava saborear o petisco.

— Observei a realidade quanto me baste por agora, Anrique — retorquiu. — Façamo-nos ao lar.

Do mercado regressámos ao lar, onde me ordenou que saísse para espaiar enquanto se exercitava na escrita, e exortando-me pegou ele num jarro de vinho com o pouco de vinho restante no fundo e se trancou no quarto a que chamava *scriptorium*, bati a porta com cuidado e, de novo na rua, decidi descer a encosta e passear junto ao rio com destino ao Restelo. Aí, sentia-me calmo, o sossego dilatando-me o corpo fazia os humores circularem mais depressa, pois absorvia os eflúvios do rio e serenava, tudo isto segundo meu amo, que, por sua vez, o soubera por Isaac Bernoliel, o seu mui conhecido e amigo físico e que foi quem lhe curara de dores lancinantes nos pés e no fígado, problemas tratados com cânfora e pimenta em vinho aquecido, recomendações do doutor Isaac, entretanto escoiceado pela mula do azeiteiro, ela escorregara e soltara os barris de azeite pela colina do castelo abaixo, numa sexta-feira e ao meio-dia. Estava o céu encoberto quando a mula do azeiteiro escoiceara Isaac Bernoliel e lançara barris de azeite pela colina abaixo,

o físico Berloniel morrera escoiceado e amassado por barris, segundo Gil Vicente o físico se deixara escoicear e matar por barris de azeite em resultado de desgosto, sua filha a haviam assassinado no massacre de Lisboa, ele não recuperou o gosto pela vida, deixando-se escoicear e atropelar por puro cansaço de viver. Ocorrera tal incidente havia longos anos prévios à minha partida para o centro da Europa, adonde a brisa da maresia não alcançava, rios largos e de torrente vira-os eu pelos países de outros, porém, longe do odor a algas queimadas e enxutas de sol na praia, ademais, a brisa provinda do rio repelia o odor nauseabundo a bedum e urinas que, como todos os que nela entrando sabem, envolve a nossa capital dia e noite, com predominância em dias de verão, ao rio fui caminhando rumo, até, sentado no cais, ver chalupas e, mais distante, uma nau atracada, entrevi meia dúzia de homens, procediam eles à estiva da embarcação suando e imprecando, e assim com meu espírito elevado por espúrias observações diversas, senti muita da fome não escondida pelas duas metades sendo uma laranja inteira e amaldiçoei a hora em que Adão e Eva deitaram o Homem a perder, pensar em comer foi coisa que em demasia me ocupou a mioleira, pelo que sem alento, enleado em apatia, fitei as águas de azul ondulado e, cerca de uma hora mais tarde, fui embora, rumando a casa de Gil Vicente, onde tudo serenava. Sem embargo, os homens por sobremaneira vis jamais tardam em aparecer, vossa senhoria, o mais repugnante era Lopo Enes, o farsante, os dias decorriam e uns aos outros se uniam, no que em casa de Gil Vicente havia eu

passado uma semana e poucos dias desde o meu regresso à cidade quando, pelas horas da tardinha, saiu Gil Vicente do *scriptorium* e me inquirindo sobre o jantar, mais sendo horas de em ceia pensar, lhe respondi eu que nada havia comido. Logo começou meu amo a percorrer as divisões da casa e a bater as portas que por ali encontrava.

– Viste o Jorge? – perguntou.

– Não.

Pigarreou e, em seguida, estrondeou a mesa embatendo-a de pernas no chão e se acercou do baú, abrindo-o, e no seu fundo encontrou uma côdea de pão.

– Prepara-me um caldo quente, Anrique.

Água existia em balde e alguidar e pu-la a ferver no fogão, em panela larga. Meu amo trincou a côdea de pão, retirou-a da boca e pôs-na na mesa.

– Apronta esse caldinho como se o fizesse minha falecida mulher – disse ele. – Que Deus a tenha em paz.

– Em eterno descanso, mestre.

Quedo ele defronte da côdea, busquei restos de víveres para botar na água e achei somente ervas secas e uma casca de cenoura, deitando-as na água com cuidados. A fervura não se levantava.

– Tenho de trazer mais lenha, tanto está o caldo em lume brando – disse eu.

– O Jorge ma não trouxe, nem a ela, nem às coisas de comer – isto lhe saindo da boca, se levantou Gil Vicente e rodeou a mesa, avançou por sobre a panela e a cutucou com o bastão, que depois enfiou na água em jeito de a remexer,

debruçado sobre o caldo ao lume e sem por longo parar de falar. — Mira e vê que caldo asqueroso me preparas. Rodeiam-me rufiões e trastes, alimárias comedoiras de desbatar as bolsas a um homem, a um pobre homem como eu. Acaso terei de alimentar dois inúteis enchendo as gorgomileiras de tudo quanto é bom?

Nisto abriu-se a porta do vestíbulo, e na cozinha entrou Jorge, pousou ele um alforge no chão e sentou-se num banco de três pernas. Meu amo assim o vendo dele se acercou e com o bastão levantou o alforge, e pós que mirando a mesa, sobre ela o pousou. Esparramaram-se fartos feijões, e dois nabos com rama tombaram com força a ponto de o soalho parecer despregar. Gil Vicente bastonou o alforge para o ter seguro.

— Alevanta-te e apanha os feijões, néscio! — disse ele ao rapaz. Jorge levou as mãos aos feijões. — Só trouxeste isto?

— Mestre, com o que me deu nem os nabos pude pagar. Arranquei-os de uma horta — retorquiu.

— De dia, imbecil? Os nabos das hortas alheias arrancam-se de noite.

Gil Vicente ergueu o bastão em lição valerosa, o rapaz fugiu, e contornando a mesa se postou atrás de mim.

— Também arranquei favas — disse ele.

— De onde? — perguntou o mestre no outro lado da mesa.

— Da faveira.

— Pois que novidade não me dás nenhuma.

— Alguma dá, meu senhor, pois ele poderia tê-las arrancado a saco ou caixotão, ou apanhado de local onde arejassem

secando ao sol — disse eu ao vasculhar o alforge e encontrando as vagens por entre os feijões brancos.

— Jesus, unem-se contra mim, que a pança lhes enchi, estes dois alarves. Não bastava arruinarem-me a bolsa, um rouba o alheio em pleno dia, e o outro é da retórica useiro para me afrontar. Um nada aprendeu, e o outro aprendeu demasiado, mas no fim o agravo é o mesmo. O mesmo! — e assim falando se sentou Gil Vicente no banquinho de três pernas. — Tirei comida da boca dos meus filhos para vos alimentar a ingratidão. Melhor seria se houvesse dado de comer a pombos e pardais, ou replegado meu bucho. Tirei comida da boca dos meus filhos de sangue, dos meus próprios filhos.

— Filhos de vossa mulher eram, mas vossos filhos seriam? — ripostou Jorge.

Gil Vicente saltou do banquinho e estando prestes a lançar em comprimento seu bastão, me agachei e o rapaz comigo. Então se dispôs nosso amo a desancar Jorge e eu, me recompondo, lhe contive um pouco o bastão, porquanto ao ter por diante o fedelho prostrado no chão e depois saltitando com as suas roupas encardidas de sujas me recordei, com a devida dessemelhança, de certo dia no fim da minha infância, sendo eu petiz de baixa altura, quando Gil Vicente apontou para mim na rua, estava eu a empalmar bolsas pouco carregadas na praça, e me disse:

— Ó rapaz, pega nesta moeda e traz-me um caneco de vinho, corre.

Eu assim fiz, ele bebeu o vinho e levou-me para sua casa, um andar acima do rasteiro, com varandas voltadas para um

jardim tomado por silvas, arbustos e heras, que, pela fachada subindo, muita frescura davam ao edifício. Então avisou-me, com um dedo levantado:

– Hei de fazer de ti um homem, seu enjorcado. Tira as bolsas das mangas e da algibeira e conta-me com verdade se sabes ler.

Respondi-lhe que não conhecia nem uma letra, e ele, custando-me pousar as bolsas na mesa, por hábitos meus de há longo tempo, deu-me um valente tabefe no cachaço. De pronto larguei as bolsas, pois me via de próximo a tocar com a fronte no chão. Começou, deste modo singelo e desprovido de todas as pretensão e vanglória, a nossa relação de afeto mútuo, e devo a meu amo ser um homem feito e tudo quanto sei, desde a nossa língua e a dos castelhanos aos conhecimentos do tido por coisa de humano e sua índole, embora vos deva confessar, por mor de justiça, ser ele apenas responsável pela parte do que sou enquanto homem e dos meus conhecimentos. Conquanto a parte que lhe é devida do que sou enquanto homem e dos meus conhecimentos seja grã parte, não é essa parte tudo o que sou enquanto homem nem todos os meus conhecimentos na arte de ser humano, pois seria eu mais minguido de entendimento se tivesse ficado sempre por beira de meu amo Gil Vicente e jamais sentindo outras terras e países e aprendendo os muitos mesteres sob os cuidados do ilustre Niklas Vanberg, assidado senhor, nada menos sabedor de latim em equiparação com o trovador Gil Vicente. Vanberg, um dos melhores espadeiros da Europa, treinava

os ofícios guerreiros quando Gil Vicente estudava em colégio sacerdotal por bênção de um padre, e ele aprendendo se devotou ao latim do mais litúrgico, pois não era sua extração a mais elevada para o levar, como sonhara, a estudar em Salamanca, na Universidade. Em Salamanca, Gil Vicente pretendia estudar na Universidade e estudou apenas em escola sacerdotal nos arrabaldes de Salamanca, na Universidade de Salamanca não chegou ele a estudar, a entrar sim, a estudar não, entrou no edifício da universidade e foi escorraçado por um estudante brigão, não embargando, foi ele maravilhoso ajudante de sacristia, uma formosura de bondade cristã, préstimo da fé. Pelo tanto, foi minha fortuna ensinaças receber dos dois pedaços de gente de diferente cabedal de entendimento, para por mim inteiro me completar e ser sujeito de realizar sua função. Era meu mestre de letras primeiras senhor de poucas armas e só useiro de força em braços, por ende, espantaram-me tantas bastonadas no corpo de Jorge, que gemebundo rogava o acudissem por as ventas ter estropiado. Auxiliando-o a erguer-se, e a meu amo a sentar-se, arfaram ambos, e então o moço em tosse se volveu a nós e, sem falar, ouvimos bater à porta e gritar.

— Será que aqui vêm pedir-me brincos e braceletes bem trabalhadas? — perguntou o dramaturgo.

Despercebi, ao início, o que o brado exterior levava de conteúdo, e depois tornou-se a mensagem clara de ouvir.

— Abri a porta, gatunos — gritou voz de homem pelo meio das pancadas.

«O mestre apoiou seu pé no chão para me enfrentar de tronco erguido, levantou o bastão, desferiu um golpe no ar e tombou. Prostrado no leito e cerrando os olhos, alongou-se na dormência e disse:
— Estou exausto, Anrique. Guardo em mim toda a canseira do mundo.»

Gil Vicente, figura insigne do Teatro e das Letras portuguesas, de vida incerta e misteriosa, e alvo de admiração e honrarias ao longo dos séculos. Menos afamado, talvez, seja seu servo, Anrique de Viena, homem humilde e leal que conheceu em batalha o mundo, e que regressou para o lado de seu senhor para o acompanhar no inverno de sua vida e o ajudar na escrita da sua última peça. E através da pena de Anrique, ágil e dedicada, veremos o mestre como nunca antes foi visto: completa e profundamente humano.

Irónico, divertido e comovente, *Quando Servi Gil Vicente* é um exercício extraordinário de estilo e invenção que, prestando homenagem a um dos maiores autores portugueses, nos permite acesso ao que, para o bem e para o mal, poderia ser Gil Vicente no seu tempo e mundo.

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-669-633-8  9 789896 686336 Ficção em Língua Portuguesa
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	